



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE ARTE E COMUNICAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM TEATRO**

**MARIA LUZIARA NUNES DE MEDEIROS**

**PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA TERCEIRA IDADE: A  
EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FILANTRÓPICO EVANGÉLICO EM VITÓRIA  
DE SANTO ANTÃO**

**RECIFE**

**2024**

**MARIA LUZIARA NUNES DE MEDEIROS**

**PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA TERCEIRA IDADE: A  
EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FILANTRÓPICO EVANGÉLICO EM VITÓRIA  
DE SANTO ANTÃO**

Trabalho de conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Teatro da Universidade Federal  
de Pernambuco - UFPE, como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Igor de Almeida Silva

Coorientadora: Pro<sup>a</sup>. Dra. Virgínia Maria Schabbach

**RECIFE**

**2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Medeiros, Maria Luziara Nunes de.

Práticas do Teatro do Oprimido na terceira idade: a experiência no  
Instituto Filantrópico Evangélico em Vitória de Santo Antão / Maria Luziara  
Nunes de Medeiros. - Recife, 2024.

57 p. : il.

Orientador(a): Igor de Almeida Silva

Coorientador(a): Virgínia Maria Schabbach

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Teatro - Licenciatura, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Teatro;. 2. Terceira Idade;. 3. A Estética do Oprimido;. 4. Arco Íris do  
Desejo.. I. Silva, Igor de Almeida. (Orientação). II. Schabbach, Virgínia Maria.  
(Coorientação). IV. Título.

700 CDD (22.ed.)

**MARIA LUZIARA NUNES DE MEDEIROS**

**PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO NA TERCEIRA IDADE: A  
EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO FILANTRÓPICO EVANGÉLICO EM VITÓRIA  
DE SANTO ANTÃO**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

Aprovado em: 19/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Igor de Almeida Silva (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Maria Schabbach (Coorientadora e examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Durval Cristovão de Santana Júnior (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a memória dos meus avós maternos,  
Pai Bastão e Mãe Rita e minha avó paterna, Vó Vicência,  
que me ensinaram que mesmo sendo difícil, sorria.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço pela oportunidade de estar vivendo este momento e de entregar esta pesquisa depois de tantos desafios, não foi fácil, no auge dos meus 47 anos só tenho o coração cheio de emoção e gratidão.

Deus obrigada, por todas as bênçãos nesta linda caminhada, sinto sua proteção em tudo e em muitos momentos estive em teus braços e nesta graduação como precisei do teu colo gratidão, as tempestades vieram, mas sempre cofiei que o sol estava lá por traz das nuvens.

A universidade Federal de Pernambuco UFPE, pela oportunidade de realizar sonhos, aqui estou realizando o sonho de ser Professora de Teatro e graças a oportunidade desse curso fazer parte da grade de cursos desta universidade, sou grata pelo comprometimento social e político, confesso que já estou sentindo saudades, obrigada.

Professores obrigada, nossa como vocês são incríveis, sempre me deram tanta atenção e enxergaram em mim uma criatividade e uma disciplina que me deram força para não decepcionar, mesmo muitas vezes insegura comigo, vocês me falavam - Admiramos você Luziara você é muito importante no curso. Gratidão a todos pelos conhecimentos e exemplos de como ser um profissional ético diante dos desafios do magistério.

Meu orientador deste TCC, Prof. Dr. Igor de Almeida, como o senhor foi importante para esse momento de defesa, junto com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Virgínia Schabbach, minha coorientadora, me abraçaram em um momento crucial em meu processo nesta graduação, nunca irei esquecer o que fizeram em um momento que mais precisava de confiança e determinação, vocês foram o porto seguro que eu estava precisando. GRATIDÃO eternas.

Gratidão a meu Painho, Pedro Nunes e a Mainha Josefa Rita, sempre cuidaram de mim, e torcendo por meus sonhos, me aceitando como realmente sou obrigada por terem ficado com meus filhos nos momentos em que estava na universidade, sei que não foi fácil, só tenho a disse amo vocês com toda força do meu ser.

Gilliard Barbosa meu marido, meu parceiro, pai incrível e um companheiro sempre presente. Gratidão por sua positividade e astral que sempre tinha palavras de incentivo e força. Sua presença nesta jornada foi extremamente importante sua inteligência e criatividade estiveram presente em tudo que fiz nesta graduação, além do seu apoio, meu maior incentivado para a conclusão desse curso, obrigada amor.

Meus filhos, obrigada meus amores, foi por vocês, meu coração fora de mim, Pedro Miguel e Davi Lucas, nossa o apoio desses seres pequeninos, mas de almas enormes que me

estimula a querer sempre ser melhor. Em um momento casual em família, em que estávamos vendo fotos de épocas em que fazia teatro, Pedro perguntou -Por que a senhora não é mais professora de teatro? Então pensei! E aqui estou. Obrigada meus anjos.

Aqueles que, direta ou indiretamente influenciaram durante meu processo de formação acadêmica, mas sobre tudo na minha trajetória de vida, quando desde criança brincava de fazer teatro. A minha irmã Cleide e meu irmão Odair, por viajarem em minhas histórias. Por fim meu coração está cheio de gratidão não poderia esquecer de agradecer ao meu primeiro grupo de teatro Grupo VID'ART, ao meu primeiro diretor Antônio Arnaldo, e todos amigos são 27 anos de amizade, gratidão ao IFEPE por ter aberto suas portas para esse projeto. Um caloroso agradecimento a todos que fizeram parte dessa minha história. GRATIDÃO!

“A Natureza não é bela;  
belos são os olhos que a  
miram” (Boal, 2009).

## RESUMO

A presente pesquisa tem como foco o relato de uma experiência artístico-pedagógica com pessoas da terceira idade residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), o Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco (IFEPE) na cidade de Vitória de Santo Antão. Nessa prática, utilizamos como ferramenta pedagógica as propostas do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal, mais especificamente as técnicas do *Arco-íris do Desejo*, com o objetivo de refletir sobre a questão: Como a Estética do Oprimido pode auxiliar pessoas da terceira idade em seus processos criativos? De abordagem qualitativa, esta pesquisa-ação envolveu três etapas: o diagnóstico do grupo de trabalho; o planejamento; e execução de uma oficina de teatro com os residentes dessa instituição.

**Palavras-chave:** Teatro; Terceira Idade; A Estética do Oprimido; Arco Íris do Desejo.

## **ABSTRACT**

This research focuses on reporting an artistic-pedagogic experience with elderly people living in a Long- Term Institution for the Instituto Philanthropic Evangelic de Pernambuco (IFEPE) in the city of Vitória de Santo Antão. In these proposals of the Theater of the Oppressed (TO) by Augusto Boal, more specifically the Rainbow of Desire techniques, with the aim of reflecting on the question: How the Aesthetics of the Oppressed can help people from the third age in your creative processes? With a qualitative approach this action research involved three stages: the diagnosis of the work group; the planning; and execution of a theater workshop with the residents of this institution.

**Keywords:** Theater of the Oppressed, Third Age, The Aesthetics of the Oppressed, Creativity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Árvore do Teatro do Oprimido.....	23
Figura 2 – Entrevistas .....	28
Figura 3 – Dinâmica, Papel Amassado.....	30
Figura 4 – O Desfile das Imagens.....	33
Figura 5 – Ensaios do Auto de Natal.....	34
Figura 6 – Vestindo os Figurinos.....	35
Figura 7 – Cena do Presépio.....	36
Figura 8 – Cena da Pensão.....	36
Figura 9 – A Imagem da Palavra.....	38
Figura 10 – Primeira etapa: A Improvisação.....	40
Figura 11 – Segunda etapa: Formação das Imagens.....	41
Figura 12- As Hiitórias.....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVC	Acidente Vascular Cerebral
IFEPE	Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco
ILPIs	Instituição de Longa Permanência para Idosos
TO	Teatro do Oprimido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CAPÍTULO 1 - UM NOVO LAR: O INSTITUTO FILANTRÓPICO EVANGÉLICO DE PERNAMBUCO.....</b>	<b>17</b>
2.1 A INSTITUIÇÃO E SUA ATUAÇÃO SOCIAL.....	17
2.2 O ESPAÇO FÍSICO E O PERFIL DO PÚBLICO-ALVO.....	18
<b>3 CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO: A CRIATIVIDADE EM AÇÃO .....</b>	<b>21</b>
3.1 A ÉSTETICA DO OPRIMIDO.....	21
3.2 TÉCNICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO.....	25
<b>4 CAPÍTULO 3 - O SER CRIATIVO: A OFICINA COM A TERCEIRA IDADE.....</b>	<b>28</b>
4.1 DESCREVENDO A OFICINA.....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como finalidade realizar um estudo com um grupo de pessoas da terceira idade em que o teatro, através da utilização de algumas práticas propostas pela estética do oprimido de Augusto Boal, se apresenta como um meio fértil para a exploração da capacidade criativa e imaginativa em diversos espaços educacionais: escolas, associações, hospitais, comunidades agrícolas e outros, no caso dessa pesquisa o espaço abordado foi uma instituição para idosos. Essas pessoas, durante uma vida, contribuíram para a sociedade, trabalhando como agricultores, caminhoneiros, professores, padeiros, domésticas, policiais militares e, atualmente, estão residindo em ILPIs – Instituição de Longa Permanência para Idosos. No processo desse estudo, ouvimos suas histórias e juntos buscamos descobrir, imaginar e criar, para isso, utilizamos uma metodologia dialógica, respeitando as particularidades e experiências destes idosos e, a partir delas e de forma lúdica, construímos um ambiente em que a reflexão e o prazer do jogo estivessem presentes.

O estudo envolveu três etapas, características de um modelo de pesquisa-ação: um diagnóstico da Instituição e do grupo de trabalho, observando nele comportamentos, relações, e como a criatividade se apresentava em cada participante; o planejamento das ações pedagógicas a partir deste estudo contextual; e a aplicação, em uma oficina, dessas práticas seguida da análise desse processo.

Buscamos, com este estudo, refletir sobre a seguinte questão: Como a estética do oprimido pode auxiliar pessoas da terceira idade em seus processos criativos? Quando falamos auxiliar em seus processos criativos, isso independe de terem alguma atividade que já esteja sendo desenvolvidas pelos idosos, estamos considerando que já existe essa criatividade que é inerente a todos ser humanos. Percebemos que as práticas do teatro do oprimido (TO), promovem o desenvolvimento da capacidade criativa; o reconhecimento da potência que segue presente nesses corpos; bem como promove momentos de alegria, prazer e jogo. Segundo Boal (2009), o pensamento sensível, nos aproxima da arte, da cultura e da vida, sendo essencial para a libertação dos oprimidos. Opressão pensada a partir da perspectiva de ativação da alegria nestes corpos que, ainda que imersos em limitações, podem encontrar sentido e prazer através desses jogos.

O Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico pertence a cada ser humano e são

estabelecidos pela percepção de mundo do indivíduo, estabelecidos e nutrido por esses pensamentos, sensível e simbólicos, Boal (2009). “Os dois pensamentos, amalgamados, despertam e adormecem redes de neurônios em múltiplas áreas do cérebro, inter-relacionando memórias, ideias, sensações e emoções” (Boal, 2009, p.28). Boal (2009). Assim como a vida flui do DNA e sem ele a vida não existiria, o mesmo ocorre com os pensamentos Boal (2009).

Existe diversos tipos de opressões: racismo, sexismo, classismo etc. Mas aqui, nesta pesquisa, vamos trabalhar com opressões que Boal chamava de *O Tira na Cabeça*, remetendo ao *tira*, como uma espécie de policiamento interno que cerceia nossa capacidade criativa através de opressões não visíveis, como a solidão, o medo do vazio e as angústias que nos envolvem como seres humanos e que também são produto dessa sociedade em que vivemos, a sociedade capitalista: “Eu partia desta hipótese: o tira na cabeça, mas os quartéis estão fora. Tratava-se de tentar descobrir como lá penetraram e inventar os meios de fazê-lo sair” (Boal, 2002, p. 23).

Nosso desejo de trabalhar com este tema, *Práticas do Teatro do Oprimido na Terceira Idade: A Experiência no Instituto Filantrópico Evangélico em Vitória de Santo Antão*, vem se construindo desde o ano de 1998, em que, participando de um grupo de teatro de nome VID’ART (Grupo de Teatro de Vitória/PE), desenvolvemos alguns trabalhos com a comunidade. Ao longo de 12 anos como integrante desse grupo, trabalhamos, de forma voluntária, em associações de bairros, em atividades com crianças, jovens, adultos e idosos, pessoas com ou sem deficiência. O VID’ART tinha um projeto em que fazíamos visitas em abrigos para idosos, onde líamos livros, poemas, histórias. Tudo isso acompanhado de bolo e café, e na época fizemos algumas visitas no IFEPE.

Na graduação do curso de Licenciatura em Teatro (UFPE), tivemos um encontro com o pensamento e o teatro de Augusto Boal na disciplina Metodologia do Ensino do Teatro 3, em que pudemos aprofundar os estudos sobre as técnicas do TO – Teatro do Oprimido, com o professor da disciplina, Rodrigo Dourado, e a professora convidada, Andreia Veruska, que trabalha com o TO, aqui em Recife. Desde então aumentou nosso interesse em ter como objeto de pesquisa neste TCC a atuação teatral, política e educacional desse diretor e teatrólogo brasileiro, Augusto Boal, tendo como base teórica seu último livro publicado, *A Estética do Oprimido* (2009). Nele buscamos compreender a importância do *Pensamento Simbólico* e do *Pensamento Sensível*.

Ainda na universidade, tivemos uma participação em um curta-metragem chamado *Quarenta para Sempre*, dirigido por Guilherme Justino e produzido por alunos da graduação em Cinema e Audiovisual da UFPE. Nesse curta, interpretei a protagonista Lúcia, uma mulher idosa que morava em um asilo com seu esposo. O local das gravações foi no Centro Geriátrico Padre Venâncio, na cidade de Recife, o que me proporcionou o reencontro com pessoas da terceira idade reacendendo, minha intenção de trabalho dentro desse contexto etário. Essa pesquisa tem como objetivo, promover ao grupo participante atividades coletivas que estimulem a criatividade, compartilhando momentos de criação artística, desenvolvendo sua sensibilidade e proporcionando bem-estar e autoconhecimento.

Em geral, a criatividade, ao ser reprimida, pode provocar atitudes de conformismo, mecanização, rigidez e apego aos padrões estabelecidos e rótulos acompanhados de medos, principalmente o medo de falhar ou de não ser aprovado. Nossa tarefa, como educadores, seria basicamente a minimização ou a atenuação desses temores por meio de atividades lúdicas dirigidas, vivências e fazeres artísticos orientados para que, experimentando novas possibilidades (Laroque, *et al.*, 2006, p.9-10).

Segundo Laroque *et al* (2006), quando o ser humano se encontra com a criatividade reprimida, torna-se uma pessoa retraída, cheia de medos e com necessidade de aprovação. Nosso papel como educadores foi identificar esses bloqueios e estimular essa criatividade.

Na bibliografia de Boal, nossas principais referências são os livros *A Estética do Oprimido* (2009), que propõe transformar indivíduos em cidadãos criativos e ativos no meio em que vivem; *O Arco-Íris do Desejo* (2002), que trata de opressões que temos e que não percebemos de onde vêm; e também utilizamos os *Jogos para atores e não-atores* (2005) para planejamento e aplicação das oficinas; bem como o livro *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* (2005), permitindo, dessa forma, o aprofundamento teórico necessário para este estudo.

Sobre o tema da terceira idade trabalhamos com os seguintes autores: foi de fundamental importância o artigo “A Criatividade na Terceira Idade”, publicado na *Revista Contexto & Saúde* (2006), que traz questões relevantes sobre as novas condições de vida nessa fase de vida, que é nomeada de terceira idade; destacamos também o trabalho de Ana Amélia Camarano que possui extensa produção bibliográfica sobre o envelhecimento. Aqui, utilizaremos seus artigos escritos ou organizados em colaboração com outros autores, “Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: do que se está falando?” e o livro

*Cuidados de longa duração para a população idosa* (2010); por fim, o artigo, “Augusto Boal: teatro para a transformação”, publicado na revista *Ouvirouver* (2011), de autoria de Irene Leonore Goldschmidt, que nos possibilita entender como desenvolver uma pedagogia que associa teatro e saúde, O TCC de autoria de Silva (2015), com o tema, “Envelhecimento e Teatro: Relato Crítico de Experiência sobre o Ensino de Teatro com Idosos na unidade de Saúde de Vila União e SESC Santa Rita”, os relatos abordado por Silva mostra um trabalho desenvolvido com idosos com exercício do TO em dois espaços distintos porém com públicos semelhantes.

Esta monografia foi realizada no Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco (IFEPE) na cidade de Vitória de Santo Antão e a oficina envolveu idosos desse estabelecimento e se realizou por meio de seis encontros, com duração de duas horas. Teremos três capítulos: O primeiro capítulo, **Um Novo Lar: O Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco**, apresentamos os dados sobre a Instituição e sua atuação social; bem como descrevemos o espaço físico e o perfil do público-alvo. No segundo capítulo, **Práticas do Teatro do Oprimido: A Criatividade em Ação**, abordaremos dois pontos: 1) A Estética do Oprimido; 2) As Técnicas do Teatro do Oprimido trabalhadas nas oficinas. O terceiro e último capítulo, **O Ser Criativo: A Oficina com a Terceira Idade**, busca relatar e refletir sobre as oficinas ministradas.

A importância desta pesquisa está na possibilidade de investigar práticas pedagógicas teatrais dentro do contexto de vivência de indivíduos da terceira idade, um público cada vez maior em nossa sociedade. Um modo de despertar a criatividade e a alegria que ainda pulsa nos corpos desses que, ao longo da vida, tanto dedicaram do seu tempo para a sociedade e que, muitas vezes, justamente nesse momento, sentem-se abandonados, ressentidos ou despotencializados em sua capacidade de se relacionar de forma alegre e criativa.

## 2 UM NOVO LAR: O INSTITUTO FILANTRÓPICO EVANGÉLICO DE PERNAMBUCO

Neste capítulo vamos abordar sobre o espaço IFEPE (Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco), pontuando sua atuação social, o espaço físico e seu público alvo. Juntamente com Camarano e outros autores buscaremos entender sobre essas instituições e os preconceitos que assombra esses espaços que na maioria das vezes oferece acolhimento e um lugar seguro para alguns residentes que passaram por situações de abandono antes mesmo de chegarem nas instituições. Silva nos relata que:

De acordo com o Ministério da Saúde, estima-se que em 2050 existam cerca de dois bilhões de pessoas com 60 anos ou mais no mundo. A expectativa no Brasil, bem como em todo mundo, é de que existirão mais idosos do que crianças abaixo de 15 anos, fenômeno nunca antes observado. É necessário criar, ainda mais, políticas de desenvolvimento para o público idoso, deixando apenas de contar números e trabalhando para uma qualidade de vida melhor (Silva, 2015, p.8).

Pensar em uma melhor qualidade de vida com políticas públicas voltada para os idosos é essencial para esse público, que estão a cada ano buscando reconhecimento, provando que podem continuar contribuindo e sendo participativo nesta nova fase da vida.

### 2.1 A INSTITUIÇÃO E SUA ATUAÇÃO SOCIAL

O Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco (IFEPE), localizado na rua Beco dos Borges, na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco, foi fundado em 12 de outubro de 1994, com o objetivo de cuidar, amparar e proteger idosos a partir dos 60 anos de idade. Seu fundador é Benedito Efigênio da Silva, servidor público federal aposentado. Para melhor acolher os residentes, o IFEPE recebe doações de vários setores da sociedade civil; os funcionários recebem seus salários por meio das aposentadorias dos próprios residentes; e a prefeitura de Vitória de Santo Antão paga o salário de uma enfermeira.

Segundo Born (2010), no Brasil a sociedade relaciona os asilos à pobreza e ao abandono das famílias dos idosos. No entanto, é bastante comum que o idoso já se encontre em situação de abandono dentro de seus lares, em meio aos familiares. Camarano *et al* (2010) aponta que, em geral, as instituições sofrem preconceito, porque são taxadas como lugares de

abandono. De fato, isso pode até acontecer; porém, muitas vezes, os idosos já estão abandonados bem antes de chegarem na instituição. Não podemos esquecer que esses lugares podem ser um lugar de acolhimento e construção de afetos.

Do ponto de vista do imaginário cultural brasileiro, a institucionalização, como a própria palavra indica, carrega uma marca estigmatizante. Pensa-se logo em abandono e desamparo, em segregação, em depósito de velhos, como até pode ser a realidade de algumas instituições. No nível pessoal, tanto pode ser uma decisão arbitrária por parte da família, em detrimento do desejo do seu idoso, como pode ser um processo elaborado pelos dois lados, idoso e família, ou ainda por escolha exclusiva do próprio idoso [...]. O Estado também desempenha um papel importante no encaminhamento às instituições de idosos moradores de rua ou em situação de conflitos familiares. Sintetizando, não existe um padrão único que caracterize a mudança de um indivíduo do domicílio particular para o coletivo. Cada caso é um caso (Camarano e Scharfstein, 2010, p.167).

Portanto, não existe uma situação específica que leva uma pessoa idosa a residir em uma ILPI, há múltiplas situações. Pode acontecer por decisão entre idosos e familiares, com amplo acordo ou não; ou o idoso pode estar em situação de rua ou ainda sofrer maus tratos de familiares. Por isso, muitas vezes, a internação em uma ILPI é a melhor solução.

A maioria dos participantes relata que o IFEPE é seu último refúgio, que estão vivendo seus últimos momentos e que são agradecidos pelo trabalho oferecido. Relatam também que existem problemas, mas que em todo lugar tem e que, no mínimo, fazem companhia uns aos outros. A pesquisa não busca enaltecer ILPIs, mas deixar registrado a importância dessas instituições, pois asseguram uma melhor condição de vida diante de situações de vulnerabilidades. Lembrando que a fiscalização nestas instituições é extremamente importante; é a forma de preservamos a eficiência dos trabalhos oferecidos aos idosos.

## 2.2 O ESPAÇO FÍSICO E O PERFIL DO PÚBLICO-ALVO

Nossas oficinas foram aplicadas no Instituto Filantrópico Evangélico de Pernambuco (IFEPE - Vitória), uma instituição mista com 35 residentes, sendo 18 do sexo feminino e 17 do sexo masculino, com idade a partir de 60 anos. O estabelecimento possui 17 funcionários, uma coordenadora, uma secretária e um voluntário. A estrutura física é composta de uma cozinha, uma área de lavar carnes, um refeitório, uma lavanderia, uma enfermaria, uma praça,

oito quartos com banheiros, uma secretaria e um jardim. Os residentes fazem seis refeições por dia. O instituto desenvolve regularmente atividades como passeios e conta com um suporte profissional de enfermeiros, fisioterapeutas, cuidadores, psicólogos e estagiários de várias áreas.

O espaço para a aplicação das oficinas foi uma pracinha interna onde acontece a maioria dos eventos. Há cadeiras do tipo poltronas que ocupam grande parte do espaço e tivemos alguns idosos que utilizam cadeira de rodas. Com a colaboração de funcionários do IFEPE, organizamos o local. Eles também ajudaram na locomoção dos participantes que, mesmo os que não utilizam cadeira de rodas, precisavam de apoio para andar pois há um pequeno percurso para se chegar à pracinha, exigindo uma logística de ida e volta dos participantes. Há também uma área na frente do refeitório que utilizamos para as oficinas e que, por ser próximo aos quartos, diminuiu esse percurso de locomoção, mas como era externo, estávamos sujeitos às questões climáticas.

Os participantes tinham idade entre 60 e 100 anos e eram pessoas que trabalharam em diferentes áreas: agricultura, caminhoneiros, professores, donas de casa e vendedores. A maioria nunca assistiu teatro e alguns nem sabiam o que significava a palavra criatividade, foi feito um questionário no primeiro dia de oficinas (questionário em anexo), quando perguntados se faziam ou fizeram algo artístico em suas vidas? Fala dos participantes:

Participante 1 – E eu sei lá o que é arte, sei o que é o cabo da enxada.

Participante 2 – Estou velho demais para isso.

Participante 3 – Não sei fazer nada, não faço nada e não quero fazer nada, pra que?

A criatividade é essencial para o ser humano, é obvio que Boal vai aborda as opressões que esse oprimido sofre no mundo real, que o faz se senti sem criatividade, sobre isso Boal (2009) nos fala, no mundo real as classes que dominam os meios de comunicação, a arte e a cultura têm o claro objetivo de transformar os cidadãos analfabetos no sentido criativo, controlam seus cérebros e os transformam incapazes de criar sufocando sua criatividade. Em suas palavras nos diz “terra adubada com sal!” (Boal, 2009 p.18). Neste sentido ele deixa claro que arte e cultura transformam cidadãos oprimido em cidadãos livres, ter consciência que ambos os pensamentos Sensível e Simbólico se completa é transforma vidas. “[...] fogo que se alastra mesmo contra a vontade consciente do sujeito, na vigília e no sono” (Boal, 2009 p.28).

A ação artística é um importante desdobramento da produtividade e da ação humana. À prática de expressões artísticas, podemos associar atributos como o desenvolvimento da criatividade e consequentemente ao da produção de algo, que o próprio atribui um determinado valor simbólico, e pode ao mesmo tempo ser valorizado pelos seus pares, familiares ou demais pessoas da comunidade. A opção pela prática de atividades de expressão artística, mesmo em mais do que uma em particular, não será por mero acaso, mas antes, por serem aquelas que num curto espaço de tempo, lhes devolve um certo sentido de missão, um propósito de desenvolvimento, garante-lhes um sentimento de utilidade e de produtividade (Leal, 2017, p. 48).

É muito importante a prática artística neste ciclo da vida, para devolver um sentido, uma força, um propósito, e isto é essencial; devemos ter sonhos e desejos não importando a fase da vida ao qual estamos imersos. O importante é dar-se a oportunidade para uma mudança pessoal. Um aspecto comum a todos os participantes das oficinas é à perda de memória, *Laroque et al* (2006) afirma que a perda de memória na terceira idade é uma forma de adaptação do cérebro, que retém memórias passadas e tem dificuldade de preservar as lembranças mais recentes:

Em se tratando de memória, na velhice, são comuns determinados transtornos tais como: Demência senil, Depressão, Mal de Alzheimer, bem como episódios de esquecimento ocorridos com maior intensidade. Para que apreendamos uma nova habilidade nosso cérebro necessita desenvolver novas conexões e isto implica na desativação de muitas conexões antigas. Não fora assim, provavelmente, estas conexões, certamente, interfeririam no surgimento de outras, impossibilitando-nos de conseguirmos apreender qualquer tarefa adequadamente com agilidade e precisão (Laroque, et al., 2006, p.10).

A memória do idoso sempre é algo delicado, pois apresenta muitos lapsos e esquecimentos, que passam a ocorrer com mais frequência. Por meio da arte, pode-se oferecer ao idoso estratégias que busquem estimular a memória, tornando esses processos de esquecimento menos doloroso. Práticas artísticas que trabalham a concentração, a imaginação e a criatividade são ferramentas eficazes no trabalho com idosos.

A Arte possibilita ao indivíduo inúmeros canais de expressão, seja através das tintas e pincéis, da modelagem, da música, teatro, dança, escrita ou outros. É praticamente infindável a gama de opções que nos oferece o fazer artístico. Sendo a linguagem artística bi ou tridimensional, cada indivíduo deve procurar aquela na qual melhor se adapta para expressar-se, facilitando assim o desenvolvimento plástico da atividade artística e sua própria realização (Sved, 2002, p. 4-5).

O indivíduo é livre para escolher sua forma de expressão através da arte, sabendo que todos somos artistas, como bem aponta Boal: “Em algum momento escrevi que ser humano é ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista!” (Boal, 2009, p. 19).

### 3 PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO: A CRIATIVIDADE EM AÇÃO

Em seguida veremos a base teórica para a fundamentação desse TCC, portanto teremos dois pontos a serem abordados, *A Estética do Oprimido*, que nos traz uma das teses de Boal, sobre o Pensamento sensível e o Pensamento Simbólico, e o segundo ponto Técnicas do Teatro do Oprimido em destaque a os livros Arco-íris do Desejo.

#### 3.1 A ESTÉTICA DO OPRIMIDO

*A Estética do Oprimido* foi o último livro escrito por Augusto Boal (2009). A obra traz um método auxilia a confrontar as opressões, exercitando o pensamento político, social e estético do oprimido, além de ser uma síntese de toda sua trajetória teórica, crítica e prática. Para ele, “Estética e Noética são formas que [...] humanos de se relacionar com o mundo. Não são exclusivas de uma classe ou casta, tempo ou lugar, mas universais como a respiração, a morte e o bater do coração. Culturais são as formas de fazê-lo, não o fazer” (Boal, 2009, p.82). Portanto, como seres humanos, nós nos utilizamos do sensível e da razão e, assim, nos conectamos com o mundo. E estes pensamentos pertencem a todos os humanos.

Não existe um padrão ou uma só estética, e sim várias estéticas. De acordo com Boal, “Como é possível defender a multiplicidade cultural e, ao mesmo tempo, a ideia de que existe apenas uma estética, válida para todos? Seria o mesmo que defender a democracia e, ao mesmo tempo, a ditadura” (Boal, 2009, p.15). Buscamos, em nossas oficinas, esse olhar diversificado e pessoal, onde a estética não é vista como “a ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários” (Boal, 2009, p.31). Foi nessa direção que toda a prática pedagógica com o grupo de idosos foi direcionada.

O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (Boal, 2009, p. 16).

Boal (2009), também nos falar das duas formas do pensamento humano. De acordo com ele há duas formas de pensamentos: O Pensamento o Sensível e o Pensamento Simbólico. “O Pensamento Sensível não é língua: é linguagem. Com ela, o sujeito expressa ideias e revela sentimentos, para si e para outros, decide ações e age sem usar palavras nem gestos simbólicos, apenas sinaléticos (onde significantes e significados são inseparáveis)”

(Boal, 2009, p.40). é não devemos valorizar apenas o discurso verbal, ambas se integram. “Separar os pensamentos seria pura perda para ambos, pois são a mesma coisa em formas diferentes – aí reside a sua riqueza” (Boal, 2009, p.82).

Não podemos separar o Sensível do Simbólico, mesmo quando o tempo todo somos castrados em relação ao Pensamento Sensível, porém ambos são essenciais para um bom desenvolvimento humano. Quando falamos que nas oficinas teremos um foco no Pensamento Sensível, estamos querendo descobrir possíveis bloqueios; porém, estamos cientes que ambos precisam se desenvolver juntos. No entanto, vivemos em grupos sociais e cada grupo tem suas regras, suas leis, e existe uma grande valorização da palavra (simbólico), mas Boal nos diz que devemos repudiar essa valorização, pois também podemos pensar com sons e imagens.

Na tentativa de pensar formas que provocassem à sensibilidade, nos aproximamos dessas técnicas criadas por Augusto Boal, que buscam uma consciência social, política, e artística, a partir dessa noção de uma opressão instalada em nós e que inviabiliza que desfrutemos da criação como forma lúdica de se relacionar com o mundo. É dessa opressão instalada pela sociedade em nós, em nosso pensamento e na forma de vermos o mundo que essa pesquisa busca refletir, fazendo com que este “oprimido” se torne livre e agente de sua própria transformação. Sabemos do limite dessa ação pedagógica que, por ser uma ação pontual, não tem a pretensão de mudar vidas, mas acessar momentos possíveis em que os participantes se reconheçam como agentes criativos e criadores. Segundo Boal, “Arte e Estética são instrumentos de libertação” (2009, p. 19):

Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar. Existem saberes que só o Pensamento Simbólico pode nos dar; outros, só o Sensível é capaz de iluminar. Não podemos prescindir de nenhum dos dois. No confronto com o pensamento único, temos que ter claro que a política não é a “arte de fazer o que é possível fazer”, como é costume dizer, mas sim a arte de tornar possível o que é necessário fazer. Cidadão não é aquele que vive em sociedade – é aquele que a transforma! Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, e as imagens falam, convencem e dominam. A estes três Poderes – Palavra, Som e Imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa condição humana (Boal, 2009, p. 22).

Acreditamos na arte que não é usada apenas para embelezar, mas para transformar. A arte transforma e se transforma mostrando que nada é absoluto e é através do olhar do outro que encontramos diversas formas estéticas, saberes sensíveis que se relacionam e também divergem. Boal nos permite perceber que não podemos nos desvencilhar da nossa condição humana e nos revela que o opressor ocupa espaços e monopolizam os oprimidos, inclusive

internamente, instaurando um pensamento desertificado em nós através do discurso que, ao longo da vida, recebemos daqueles que monopolizam os campos narrativos hegemônicos:

O Pensamento Sensível é arma de poder – quem o tem em suas mãos, domina. Por isso, os opressores lutam pela posse do espetáculo e dos meios de comunicação de massas, que é por onde circula e se impõe o pensamento único autoritário. Quando exercido pelos oprimidos, o Pensamento Sensível é censurado e proibido – eles não têm direito à sua própria criatividade: máquina não cria. Aperta-se um botão... e produz. Podem também ser usados como macaquinhos de realejo em programas de auditório (Boal, 2009, p. 18).

O opressor sabe o poder que tem a arte, e sempre irão reprimir e dificultar o uso do pensamento sensível. Dessa forma, precisamos pontuar que, como futuros profissionais da educação na área de teatro, a importância de entender que não existe arte sem ação; a palavra, a imagem e o som devem ser para o oprimido fontes de ação, de descoberta, de criação de formas outras de ver e de se relacionar com o mundo. Durante as oficinas, buscamos colocar em prática essa autonomia do fazer criativo, respeitando o ser artístico de cada participante e instigando-os a irem além nesse processo de descoberta. Boal (2009) nos relata que cada pessoa tem uma forma de ver o mundo que o cerca, e que o Pensamento Sensível e Simbólico é sustentado pelos conhecimentos sensível e simbólico, adquiridos por este indivíduo.

Estamos em constante transformação e somos diversos, isso nos confirma que temos formas diferentes de ver e sentir, o que está ligado as nossas vivências. Podemos encontrar resistências a essa criatividade, mas, para Boal (2009), o cérebro, apesar de ser dividido em várias partes, ele é um órgão, ele é só um, não tem muros, portas, janelas e podemos transitar. Mesmo calando-se o Pensamento Sensível, ele continua lá sempre vivo, atento e pensando até o impensável. Os dois pensamentos não estão aprisionados, são livres, e podem ser ativados e resgatados: “Podem ativá-las ou ativam-se por si mesmas quando ideias ou sensações acendem a memória, que é brasa, ou a imaginação – fogo que se alastra mesmo contra a vontade consciente do sujeito, na vigília e no sono” (Boal, 2009, p. 28).

Então, nesta pesquisa, queremos ativar essa brasa da criatividade com o grupo da terceira idade, buscando uma intervenção teatral com as técnicas do Teatro do Oprimido (TO).

A existência de uma Estética do Oprimido – Estética da Cidadania – não proíbe ninguém de fazer arte sobre a perplexidade, a angústia, a solidão e sonhos desvairados. Todas as formas de criação artística, toda especulação filosófica e estética, podem ajudar a enriquecer nossa sensibilidade e nossa inteligência – depende do tempo e lugar. Não devemos temer nenhum lirismo, nenhuma subjetividade (Boal, 2009, p.107).

A arte pedagógica do TO é focada na liberdade e na dialogicidade; ela é voltada à realidade dos envolvidos. Boal, no início do seu trabalho como pesquisador e encenador, tinha uma abordagem voltada especificamente para as artes cênicas. Mais tarde, ele passa a englobar nesse processo artístico-pedagógico, diferentes áreas da arte, expandindo seu pensamento para além da defesa de um discurso político que se solidifica nas questões que surgem no processo de encenação. Ele passa a encontrar essa opressão não apenas no fora, em algo sobre o qual o indivíduo precisa refletir, se conscientizar para depois transformar; ele passa a perceber essa opressão instaurada na subjetividade do sujeito. Experiência essa que surge quando o autor passa a trabalhar com sujeitos advindos de uma realidade favorável de vida e que, ainda assim, manifestam uma relação de exclusão, opressão e fragilidades frente à realidade do mundo e da vida e que se encontra na obra *O Arco-íris do Desejo* (2002):

Na obra *O Arco-Íris do Desejo* (2002) Boal nos explica que, em seu ponto de vista, todo ser humano é teatro em sua essência. Para ele o ser humano não somente faz teatro, mas o É. De todos os animais, o ser humano é o único capaz de observar-se em ação. Ao mesmo tempo em que age, observa as ações que realiza, porém não só age e observa, mas é capaz de refletir sobre sua ação e, a partir do raciocínio, tomar decisões. Essa dicotomia do ver-se agindo Boal chama de Teatro Essencial (Sanctum, 2011, p.65).

*O Teatro é essencial* no sentido de pertencimento. Faz parte do ser humano e isso é o que o torna diferente dos outros animais: “Os animais agem levando em conta o que existe diante de si. Humanos imaginam, inventam o que não existe” (Boal, 2009, p.161). O ser humano tem a capacidade de criar e de se emocionar, se ver em ação e refletir sobre essa ação, dialogar com sua criação e transformar tudo em arte.

### 3.2 TÉCNICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO

O Cajueiro de Natal foi a árvore escolhida por Augusto Boal para representar o Método do TO, e deu o nome de Árvore do Teatro do Oprimido: “O TO é uma Árvore Estética que tem raízes, tronco, galhos e copas. Suas raízes estão cravadas na fértil terra da Ética e da Solidariedade, que são sua seiva e fator primeiro para a invenção de sociedades não opressivas” (Boal, 2009, p.185). Boal nos mostra o que alimenta a Grande Árvore do TO: a Ética e a Solidariedade e as raízes são as artérias da Palavra, do Som e da Imagem que percorrem os jogos e estimulam a criatividade. A prática começa no tronco da árvore com algumas regras, mas que permitem e conduzem à liberdade criativa.



Figura 1- Árvore do Oprimido (Fonte: Tic-Pedagogia, 2013).

Para Boal (2009), o *Teatro Imagem*, estimula-se as percepções não verbais, sem utilizar as palavras. O *Teatro Jornal* transforma notícias e reportagens em registros para cenas teatrais. Já no *Arco-Íris do Desejo* são técnicas em que se examina o íntimo, trazendo à tona opressões que atingem nossa subjetividade; essas técnicas podem ser terapêuticas, porém não

é terapia. O *Teatro Invisível* tenta trazer aos cidadãos opressões despercebidas; procura provocar a atenção, despertando a consciência e o estranhamento de que aquela opressão não é normal. O *Teatro Legislativo* “Consiste na simulação, após o Fórum, de uma sessão normal de uma assembleia legislativa. [...] na qual compreendemos os procedimentos que fazem surgir uma lei” (Boal, 2009, p.189). O *Teatro-Fórum*, promovendo discussões sobre questões específicas, está no coração da *Árvore do Oprimido*, nele os oprimidos expõem opiniões, necessidades e desejos por intermédio de ações sociais concretas e continuadas. Os pássaros são os multiplicadores das técnicas do TO. Segundo Boal,

O Teatro do Oprimido é um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais (Boal, 2002, p.29).

O *Arco-Íris do Desejo* será a técnica do TO que utilizaremos no planejamento pedagógico das oficinas. Nossa pesquisa, tem uma vertente terapêutica, porém não é terapia, como afirma também Boal. Para ele “Na verdade, todas as técnicas têm alguma coisa a ver com “*O Arco-Íris do desejo*” todas tentam ajudar a analisar-lhe as cores para recombina-las noutras proporções, noutras formas, noutras quadros que se desejam” (Boal, 2002, p.29).

A obra *O Arco-Íris do Desejo* começou a ser desenvolvida quando Boal trabalhava na Europa. Em suas oficinas do TO, ele começou a perceber tipos diferente de opressões que, para ele, eram desconhecidas, como solidão, incapacidade de se comunicar, medo do vazio e outras. Na época, Boal considerava que esse tipo de opressão não merecia atenção:

Para quem vinha fugindo de ditaduras explícitas, cruéis e brutais, era natural que esses temas parecessem superficiais e pouco dignos de atenção. Era como se eu, involuntariamente, estivesse perguntando: “Sim, mas onde está a polícia?” Porque eu estava habituado a trabalhar com opressões concretas e visíveis (Boal, 2002, p. 23).

Boal foi mudando de ideia e percebeu que não importa o tipo de opressão: “Seja qual for a forma, é sempre morte” (Boal, 2002, p. 23). Nas oficinas, vamos buscar seguir essas técnicas, com o olhar atento para possíveis adaptações, seguindo os dois princípios fundamentais do TO: 1) ajudar os participantes/espectadores a se tornarem protagonistas da ação dramática e 2) levarem para sua vida as ações que experimentaram nas práticas teatrais (Boal, 2002).

Sobre a opressão que se instaura no interior de cada sujeito e as técnicas para combatê-las, Boal (2002) propõe três perspectivas. A primeira delas (2002) se relaciona a um processo

de *osmose* que acontece tanto na repressão como na sedução. Nela, seja por repulsa, medo, violência e constrangimentos; ou o oposto como atração, amor e desejo, o sujeito se fundiria a essas sensações, marcando seus modos de se relacionar com mundo. Essas marcas são reproduzidas por toda parte seja na família (relações parentais), no trabalho (salários, desemprego etc.), exército (pelos castigos, hierarquia etc.), escola (notas, aprovação, currículo etc.), nas propagandas (falsas associações de ideias: mulheres e cigarros, uísque e homens bem sucedidos etc.), na igreja (o inferno, paraíso, pecado, perdão etc.), e também no teatro através de apresentações tradicionais em um ritual teatral evidentemente imobilista bem convencional impondo o lugar da plateia e o lugar do palco. Sobre este último, o TO propõe combater esse imobilismo, proporcionando o diálogo plateia-palco tornando todos atores fazedores deste processo.

Como segunda perspectiva de análise, Boal (2002) fala da *metáxis*, onde o oprimido se torna artista. Ele esteticamente transforma sua opressão em dois mundos: o das imagens e o real, e passa a pertencer a esses dois mundos. “Ele compartilha e pertence a esses dois mundos autônomos: a realidade e a imagem de sua realidade, que foram criadas por ele mesmo” (Boal, 2002, p.56). Ele cria um mundo estético que incorpora as opressões que ele vive, mas sem se reduzir a elas, criando com ela novas realidades imagéticas.

Como terceira perspectiva, a *indução analógica*. Boal (2002) propõe que, de maneira distanciada, se crie outras perspectivas de olhar para uma dada situação de opressão. Outras formas imagéticas de se relacionar com o problema, permitindo que o sujeito se enxergue em outras situações naquilo que, à primeira vista, parece estático e sem solução: “Não se interpreta, não se explica nada, oferece-se apenas múltiplos pontos-guias. O oprimido deve ser ajudado a refletir sobre sua própria ação” (Boal, 20002, p. 58).

Segundo Boal (2002), essas três hipóteses são a base fundamental dessas técnicas, permitindo que uma ação na ficção teatral possa ser visualizada e erigida na realidade do sujeito e para qual, esse estudo se direcionou no momento de planejamento e ação pedagógica na oficina com os idosos.

## 4 O SER CRIATIVO: A OFICINA COM A TERCEIRA IDADE

### 4.1 DESCRREVENDO AS OFICINAS

Há poucas atividades artísticas desenvolvidas no IFEPE, e o projeto foi bem aceito ao ser apresentado na instituição, porém em conversas com os idosos, já no primeiro momento, percebemos os desafios que teríamos na realização das oficinas. Foi preciso nos adaptar, já nos primeiros dias das oficinas em função de dificuldades físicas dos participantes. A maioria usa cadeiras de rodas, tem problemas auditivos, de visão e de dicção, alguns com membros superiores comprometidos e com coordenação afetada, além de tremores, desequilíbrio e perda de memória.

Nossas alunas idosas apresentavam baixíssima escolaridade e precária situação socioeconômica. Muitas tinham sérios problemas de saúde que dificultavam na locomoção, até numa simples situação de estar de pé durante algum exercício. As dificuldades do ensino de teatro, para alunos que não sabem ler ou escrever são enormes. Era necessário que pudessem entender o funcionamento do teatro, arte democrática, percebendo que todo tipo de pessoa pode aprender e apreciar teatro, indo além de suas limitações, cabendo a nós, darmos subsídios para esse entendimento (Silva, 2015, p.15).

E comum os idosos apresentarem alguns dificuldade motoras ou de saúde, porém apesar das suas limitações devemos procura alternativas para que todos possam ter as mesmas oportunidades. Nas oficinas, nosso objetivo foi estimular a criatividade observando as possíveis mudanças que esse despertar criativo poderia proporcionar aos participantes. A intenção não era transformá-los em artistas profissionais, mas proporcionar o contato com a criatividade e usufruir dos benefícios da arte pode proporcionar através de momentos de alegria e ludicidade: “Para pintar, basta pincel, tela e tintas: cada qual tem o seu jeito. Não sei cantar bemóis e sustentados, mas não me calo: canto com minha garganta e a voz que tenho” (Boal, 2009, p.197). Como Boal, pensamos que cada ser humano tem sua forma de fazer arte e que a capacidade criativa nos é inerente. Embora a sociedade constantemente afirme que “ser artista é um inalcançável dom divino; a vida real prova o contrário: somos todos artistas” (Boal, 2009, p.197). Trabalhamos nas oficinas essa liberdade de experimentação com a arte, na tentativa de despertar esse sentimento, de que “somos todos artistas”. O objetivo era vencer os seus próprios desafios e experienciar essa criatividade. O TO não exclui nenhum tipo de opressão, e aqui, nesta pesquisa, a opressão a ser trabalhada foi a interna, aquela que nem percebemos, mas que está lá travestida em expressões como “posso”, “não posso”, “não

consigo”, “não sei fazer isso”, que tantas vezes nos impomos, sem nos apercebermos dela. Impressões sobre nós mesmos que nascem a partir de um discurso produzido no campo social com a intenção de, ao produzir carência, desânimo e corpos tristes, produza também exclusão e silenciamento.

As oficinas foram oferecidas em seis dias, duas horas por dia, uma vez por semana. Inicialmente começamos nas terças-feiras, mas logo modificamos para sextas-feiras, pois uma das participantes fazia hemodiálise nas terças, quintas e sábados. Então, ficou acordado que as oficinas aconteceriam todas as sextas-feiras das 14:30hs às 16:30hs, ainda que, algumas vezes, tenhamos sido surpreendidos com algum evento, o que fazia com que remarcássemos o encontro.

Iniciamos nossa pesquisa no dia 1 de dezembro de 2023, primeiramente com uma conversa com a diretora do IFEPE que está nessa função há sete anos, Dona Socorro. Fizemos uma entrevista sobre a instituição e logo depois fomos conhecer o espaço, um breve reconhecimento de todo local inclusive onde realizaríamos as oficinas. Neste mesmo dia, agendamos mais uma visita para uma primeira conversa com os residentes, o que agendamos para o dia 5 de dezembro de 2023. Chegamos na instituição às 14hs e iniciamos uma conversa individual abordando cada idoso em suas varandas ou até mesmo em seus quartos, conversando sobre o projeto, e anotando os nomes daqueles que tinham interesse em participar das oficinas, e já divulgando os dias em que trabalharíamos com eles.

Nesses contatos, já conseguimos fazer um breve diagnóstico. A maioria dos idosos que se propuseram a fazer as oficinas usavam cadeira de rodas, todos tomavam medicação, alguns tiveram AVC (Acidente Vascular Cerebral), tendo assim problemas cognitivos, motores e de fala. Observamos essas especificidades e perfil dos participantes e começamos a elaboração dos planos das oficinas, para assim ter um melhor planejamento e que pudesse atender a todos.

No dia 08 de dezembro, nosso primeiro encontro, chegamos às 14:00hs e alguns idosos já estavam na pracinha, lugar onde realizaríamos nossas práticas do TO. É neste espaço que, cotidianamente, eles assistem TV, jogam dominó, ou tem alguns eventos. Neste dia, a fisioterapeuta estava fazendo alguns procedimentos com eles. Enquanto ela trabalhava, fomos nos quartos e corredores perguntando quem tinha interesse em participar das oficinas. Fomos então conduzindo os interessados para a pracinha com o auxílio de alguns funcionários. Até

mesmo os que não utilizavam de cadeira de rodas precisavam de apoio humano para caminhar. Está logística de encaminhar os participantes para a pracinha, mesmo sendo um local perto dos quartos, levava um tempo estimado em 20 minutos. Desta forma, percebemos que sempre deveríamos chegar uns 30 minutos antes do início das oficinas.

Neste primeiro dia, planejamos uma entrevista semiestruturada com os idosos participantes. Tivemos a presença de doze idosos. Fizemos algumas perguntas e anotamos as respostas. Uma conversa descontraída e bastante prazerosa, além de ser bastante necessária para a pesquisa a fim de reconhecer o universo de interesse e as singularidades de cada um, percebemos uma satisfação geral do grupo em responder, mostrando um interesse com as respostas dos colegas. Tivemos dificuldades para entender alguns dos participantes por conta da dicção, porém fomos nos relacionando com o compromisso pedagógico de respeitar cada um em sua especificidade, tentando se comunicar da forma que, naquele momento, era possível. Todos tiveram seu momento de entrevista.



Figura 2- Entrevistas (Arquivo pessoal).

Durante as entrevistas, fomos detectando que havia assuntos que geravam desconforto e que se relacionavam a uma sensação de exclusão, invisibilidade e abandono. Um sentimento de opressão que os próprios participantes tendiam a “normalizar”. Todos demonstraram uma certa resistência a tratar desses assuntos. Quando perguntamos de quem foi a proposta de ir morar no IFEPE, alguns responderam que a iniciativa partiu de um membro da família, outros

relataram que foi por sua própria escolha. No entanto, de forma geral, achamos que essa pergunta tocou num local sensível da subjetividade de cada um, na qual eles preferiam não abordar durante o encontro. Essa percepção se confirmou a partir da fala de dois participantes:

Participante 1- Não lembro

Participante 3- Aqui não sou um peso pra ninguém, por isso decidi vir, não quero ser um fardo pra ninguém.

Participante 4- Eu mesmo decidi vir, não quero dar trabalho a ninguém.

Nessas respostas, percebe-se que, apesar de terem decidido ir morar no instituto, há um ressentimento reprimido cuja interpretação vem das palavras, *aqui não sou um peso, não quero ser um fardo, não quero dar trabalho*. Por não terem outra saída para a situação em que se encontravam, dependendo dos filhos ou parentes para necessidades básicas do cotidiano, como cuidados com a higiene, alimentação e saúde, os familiares levaram-nos para residir em um ILPI. Mesmo vivendo longe das suas famílias, percebe-se, em seus relatos, que os idosos participantes, gostam dos cuidados que eles têm no instituto. Lá, eles têm roupas lavadas, remédios e, quando precisam de cuidados médicos, recebem o atendimento necessário. Porém, não foi fácil a adaptação. A fala de um participante expressa bem o sofrimento nas primeiras semanas no instituto, ao mesmo tempo em que demonstra os desafios de se adaptar e reconstruir a vida neste novo contexto, longe dos familiares, fala do participante:

Participante 3- Quando cheguei as primeiras semanas chorei muito, não tinha vontade de fazer nada só chorava. Dona Socorro, teve que ligar pra minha filha que veio aqui conversar comigo, e me disse: “Pai você precisa se acostumar, eu não posso cuidar do senhor”. Então, fui me acostumando hoje estou bem.

Há outros relatos que, por sua vez, revelam experiências de vida extremamente duras, como o de uma participante que não tem família e que sempre viveu em instituições. Segundo ela, a motivação do abandono desde a infância pelos familiares decorre do fato de ela ser portadora da síndrome de epilepsia fala da participante:

Participante 5- Não tenho família, ninguém quis ficar comigo, pois tenho epilepsia. Não lembro de minha mãe nem do meu pai, só lembro de pessoas que me maltrataram. O que mais quero é ser amada e respeitada, sou um ser humano.

Diante desses relatos, comecei a ter contato com opressões difíceis de serem trabalhadas, pois elas são subjetivas e profundas, tendo como causa não só os dilemas familiares, mas também a estrutura social. O sentimento de abandono está presente em suas falas, assim como o sentimento de culpa, pois os idosos sentem-se culpados pelo estado atual

de suas vidas. No período de nossa pesquisa, muitos residentes não recebiam visitas de familiares há mais de três meses.

Neste primeiro dia, conversamos ainda sobre a criatividade e o teatro. A maioria dos participantes da oficina não assistiu a uma peça de teatro. Apenas três relataram já terem visto um espetáculo, porém não se recordam do que assistiram. E um único idoso afirmou gostar de pintar. Para ele:

Participante 4- Pintar é uma forma de passar o tempo, não é grande coisa, não sei pintar, mas gosto de deixar minha vida melhor aqui dentro”.

A partir da fala desse participante, tivemos a oportunidade de tratar da importância do desenvolvimento de nossa criatividade para o bem-estar e para a saúde mental. Após essa conversa, fizemos uma dinâmica chamada “Papel Amassado” (Ser Professor. YouTube, 2018), em que falamos das ações danosas do opressor em nossas vidas, com base no pensamento e prática do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Destacamos ainda a necessidade de se identificar as opressões que estão dentro de cada um de nós.



Figura 3- Dinâmica, Papel Amassado (Arquivo pessoal).

Na dinâmica “Papel Amassado” (Ser Professor, 2018, YouTube), fizemos algumas modificações onde faço uma adaptação abordando possíveis opressões que muitas vezes não percebemos. Ficando assim a dinâmica, cada participante recebe uma folha de papel e amassa,

fazendo dessa folha uma bola de papel. Depois foi solicitado que eles desamassassem e tentassem deixar o papel como no início: liso sem amassados. Sendo impossível concluir esta tarefa, explicamos o sentido da dinâmica: assim, são as opressões enfrentadas por nós; elas provocam prejuízos em nossas vidas e nunca seremos iguais depois de passarmos por situações difíceis; podemos até não ter consciência da opressão sofrida (seja social, seja emocional), mas ela permanece dentro de nós, oprimindo-nos. Em seguida, cada participante comentou a dinâmica:

Participante 6- Procuo não guarda no coração e perdoar, porém mesmo perdoando não tenho a mesma amizade com a pessoa.

Participante 7- É verdade depois que recebemos maus tratos ou grosseria o coração fica igual a essa folha.

Participante 4- Gostei muito da dinâmica e vou guardar essa folha para não esquecer, talvez quem ver essa folha não der nenhum valor, mas para mim tem.

A recepção dos idosos ao primeiro dia de oficina foi muito positiva. A aula mal tinha acabado e já perguntavam quando seria o próximo encontro. Nessa primeira avaliação, percebemos que alguns participantes têm um interesse mais explícito pelo trabalho, são mais participativos, deixando suas impressões sobre a atividade; já outros preferem participar apenas como ouvintes; alguns cochilaram em certos momentos e não conseguiram participar de todas as discussões.

O segundo dia de oficinas aconteceu em 15 de dezembro de 2023. Retomamos a conversa sobre a importância da criatividade para a saúde mental e emocional. Após uma breve discussão com o grupo, propomos uma técnica do TO chamada de “As técnicas Prospectivas” (Boal, 2002, p. 87), que são técnicas para turmas iniciantes, trabalhamos com *A imagem das imagens*, com o exercício da *Primeira etapa: as imagens individuais*. Como a maioria dos participantes utiliza cadeira de rodas, a técnica teve alguns ajustes, faremos um breve relato da técnica, (Todas as descrições mais detalhadas encontram-se em anexos), Boal explica:

Os participantes formam grupos de quatro ou cinco pessoas. Cada participante desses grupos deverá, num curto espaço de tempo, imaginar uma opressão atual (que ainda age no presente, ou que poderá voltar a se manifestar). Essa imagem pode ser realista ou surrealista, pode ser simbólica ou metafórica. A única coisa que importa é que ela seja verdadeira, que ela seja sentida como verdadeira pelo protagonista (Boal, 2002, p. 87).

Não dividimos a turma em pequenos grupos, trabalhamos com o grande grupo, também nesta primeira etapa da técnica, todos foram protagonistas, individualmente imaginaram sobre as opressões vividas no passado e que ainda repercutem no presente. Cada participante fez sua imagem individual, procurando não influenciar, nem ser influenciado pelos demais integrantes do grupo. A maior dificuldade neste primeiro momento foi fazer a imagem, todos tinham dificuldades de criar imagens que refletissem suas opressões, queriam falar e contar suas histórias, foi novamente explicado que nesta primeira etapa seria sem a utilização da fala, ficando para outro momento, e aos poucos foram desenvolvendo o exercício.

Percebemos então a força do *pensamento simbólico*, ou seja, aquele que se utiliza preponderantemente das palavras. Todos os participantes, sempre tendiam a expressar as imagens construídas por meio da palavra preocupados com seus próprios julgamentos, então percebemos que temos que trabalhar mais com os eles *pensamento sensível*, ou seja, aquele que diz respeito as emoções e sentimentos e sua manifestação através do corpo, do toque, do olhar. Neste ponto, temos que pautar em técnicas que foquem no equilíbrio entre o Pensamento Sensível e Simbólico.

Na segunda etapa, propomos “O desfile das imagens” (O exercício detalhado encontra-se em anexo). Cada participante mostra sua imagem para o grande grupo, imagens essas que foram criadas na primeira etapa das imagens individuais. Sobre essa técnica Boal nos explica, “Em uma segunda etapa, todo o grupo maior se reúne e cada grupinho entra em cena, no espaço estético, um de cada vez. Ali volta a realizar, diante de todos, cada uma das imagens” (Boal, 2002, p. 88).

A adaptação nesta segunda etapa foram, as apresentações das imagens criadas por eles foram individuais, e o grande grupo fizeram seus comentários sobre a imagem de forma objetiva o facilitador explicar é o que se ver e não uma interpretação do que se ver, exemplo, *veja isso ou aquilo*, evitando comentários como, *isso me parece...*, nesses momentos, destacamos os pontos comuns e diferentes das imagens. Aqui, já trabalhamos os dois pensamentos Sensíveis e Simbólicos, os participantes trabalharam a Palavra, a Imagem e o Som, nesta técnica eles prestarem atenção de forma sensível ao corpo e a voz do outro.

Essas técnicas são “As técnicas Prospectivas” (BOAL, 2002, p. 87) que são técnicas iniciais de extrema importância, “Ela relaciona os problemas individuais, singulares, com os problemas coletivos vividos pelo grupo” (Boal, 2002, p. 87). Na segunda etapa desta técnica teatral, eles já foram se sentindo mais à vontade, apresentando suas imagens com mais segurança sem julgamentos internos. E durante o desfile das imagens quem observa

comentam de forma objetiva a imagem que estavam vendo. Destacamos a apresentação de um dos participantes que conta a história de sua imagem:

Participante 8- Eu vejo que ele está fazendo legal.

Participante 3- Não é legal, estou mostrando meu dedo que perdi, (o pedaço dele) em um cilindro na padaria que trabalhei fazendo pão, estava muito cansado e acabei me descuidando, também eu pegava às 4hs da madrugada largava às 10hs da manhã e voltava às 15hs, largava às 22hs. E essa era minha rotina. Trabalhei em três padarias aqui em Vitória, hoje estou aqui de cadeira de rodas, depois de um acidente. Não foi fácil me acostumar, chorei muito. Mas hoje percebo que aqui tenho pessoas que cuidam de mim.



Figura 4- O desfile das imagens (Arquivo pessoal)

Na prática eles foram buscar opressões que aconteceram no passado e que interferem na sua vida até os dias atuais. Além de produzirem suas imagens, todos queriam contar suas histórias. Em nossas conversas finais, estávamos nos despedimos de mais um dia de oficinas, um dos participantes desejou feliz natal, todos riram, e ele foi informado que faltava uma semana para o natal, uma das participantes teve a ideia então vamos fazer o nascimento de Jesus Cristo, todos toparam foi de uma forma espontânea acreditamos que por ser dezembro e ser uma instituição evangélica, nem todos os residentes são evangélicos, porém a grande

maioria são cristão. Explicamos que, se fossemos fazer esse auto, iríamos estender nossas oficinas para janeiro todos aceitaram.

Com isso, acordamos a facilitadora das oficinas faria o texto e apresentaríamos o auto na semana seguinte, no dia 22 de dezembro de 2023 seria a estreia. Devido ao tempo apertado, optamos por fazer um texto narrativo onde a facilitadora das oficinas seria a narradora e os idosos iriam fazer as imagens correspondentes aos momentos da peça teatral.

O texto que estava sendo escrito totalmente narrativo, foi feito algumas modificações, atendendo à solicitação de alguns idosos que queria ter uma participação onde eles pudessem ter falas durante a representação do auto de Natal. Por isso, dividimos os personagens e fizemos o primeiro ensaio no dia 19 de dezembro de 2023 com a ajuda dos funcionários como contra regras, nas movimentações dos atores e atrizes nas cenas pois os mesmos utilizam cadeira de rodas e da gestora do IFEPE que fez a voz do anjo, Dona Socorro.

Os ensaios aconteceram nos dias 19, 20 e 21 de dezembro de 2023, das 14hs às 16:30hs, sempre ao ar livre em um espaço na frente dos quartos dos idosos, visto que as movimentações dos atores e das atrizes nas cenas eram executadas pelos funcionários do instituto que conduziam as cadeiras de roda para suas marcações de cena que eram definidas através das necessidades do elenco sem muito deslocamentos só o essencial, os ensaios eram bastante práticos, onde todos colaboram, os idosos que tinham falas das suas personagens, recebiam a ajuda da gestora Dona Socorro que iria fazer a personagem do anjo no espetáculo sendo também um apoio para dizer o texto durante o espetáculo. Depois do ensaio, a gestora Dona Socorro falou que tinha conseguido figurinos com a igreja que ela é membra.



Figura 5- Ensaios do Auto de Natal (Arquivo pessoal)



Figura 6- Vestindo os figurinos (Arquivo pessoal)

A apresentação aconteceu no dia 22 de dezembro de 2023, às 18hs. Este foi um trabalho em que os idosos se sentiram protagonistas, tiveram um momento único; foram vistos e aplaudidos pelo público: funcionários, residentes do IFEPE que não fazem as oficinas, e algumas pessoas da comunidade. Nas entrevistas realizadas nos primeiros dias de oficina, a grande maioria não sabia nada sobre teatro e de fato não tiveram a oportunidade de assistir uma peça teatral, sendo assim a primeira vez que estão tendo esse contato teatral no IFEPE, após a apresentação recebemos esses alguns feedbacks.

Participante 5- Agora sei o que é teatro, fiz uma peça, fui a dona da pensão.

Funcionário - Nunca tive um dia tão feliz aqui no abrigo!

Participante 2- Não sabia nada de teatro, é lindo!

Visitante - Estou muito feliz, foi lindo, obrigada!



Figura 7 – Cena do presépio (Arquivo pessoal).



Figura 8- Cena da pensão (Arquivo pessoal).

Com esta experiência do Auto de Natal, pudemos constatar a seguinte afirmação de Boal: “Todas as formas de criação artística [...] podem ajudar a enriquecer nossa sensibilidade e nossa inteligência – depende do tempo e lugar. Não devemos temer nenhum lirismo, nenhuma subjetividade” (Boal, 2009, p.107). Afinal, “Somos todos atores” (Boal, 2012, p.9).

Após o recesso de Natal e Ano Novo, retomamos as atividades da oficina, em 19 de janeiro de 2024. Neste dia, iniciamos com uma conversa sobre o Auto de Natal, e percebemos um maior entusiasmo dos participantes pelo nosso projeto, as oficinas do TO. Todos estavam mais participativos e interessados, relembando as cenas do espetáculo. Podia-se perceber, naquele momento, um despertar do pensamento sensível, todos estavam mais entusiasmados e querendo falar do seu despertar criativo aqueles participantes que não queria saber de arte ou criatividade estava mais comunicativo e brincando de adivinhas (Tipo de perguntas divertidas), outros falando de músicas e até mesmo cantando, um encontro bem diferente do nosso primeiro dia de oficinas, estavam mais disponíveis para a oficina, com maior autoconfiança e autonomia.

Neste dia continuamos com *As Técnicas Prospectivas*, que estava sendo utilizada nas oficinas antes do recesso praticamos a primeira etapa e a segunda etapa destas técnicas, então dando uma continuidade, fizemos *A imagem da palavra* (A técnica mais detalhada encontra-se em anexo). foi solicitado aos participantes que escolhessem uma única palavra sobre o espetáculo do Auto de Natal que eles apresentaram. Sobre essa técnica Boal explica:

Esta é uma das primeiras técnicas que utilizei no teatro-imagem. Consiste em pedir aos participantes que formem com seus corpos a imagem de uma palavra que tiver sido escolhida: um país, uma região, um partido político, uma profissão, um estado de espírito, uma personagem histórica ou um acontecimento recente. Deve ser uma palavra que represente algo ou alguém que interessa ao grupo (Boal, 2002, p. 97).

O grupo escolheu a palavra *NÃO*, representou a passagem que Maria e José pede abrigo e recebem não, ninguém ajuda o casal naquele momento, afirmaram sentir dificuldade de ouvir esta palavra *NÃO* em seu dia-a-dia e que é uma palavra recorrente na velhice. Eles se sentem como se voltassem à infância, pois, assim como as crianças, as pessoas não têm paciência e sempre dizem, *NÃO* aos seus desejos e vontades. Isso incomoda bastante a todos, foi solicitado, então, ao grande grupo para que discutissem se a palavra seria, de fato, ruim em todos os momentos. Eis algumas opiniões dos participantes:

Participante 6 - É chato ouvir não, mas acho importante, mas é chato.

Participante 3 - Isto é verdade é bom ouvir não, apesar de também não gostar.

Participante 4 - Bom saber ouvir e também dizer não.

A conclusão que eles chegaram foi que, não gostam de ouvir *NÃO* mais às vezes é necessário por questão de segurança, foi também discutido sobre a importância de também

dizer *NÃO*. Depois desse primeiro momento da escolha da palavra, aplicamos a técnica “A imagem da palavra” (A técnica detalhada encontrasse em anexo), continuando a explicação de Boal:

O grupo forma um círculo e todos os seus membros mostram suas imagens simultaneamente; depois reagrupam-se em famílias de imagens que se assemelham. Uma de cada vez, cada família dirá em voz alta palavras inspiradas pela Imagem. [...]. As imagens podem ser construídas com seu próprio corpo, com seu corpo e mais o de outra pessoa, ou com todos os corpos e todos os objetos possíveis (Boal, 2002, p. 97)

Em sua aplicação, a técnica foi adaptada devido à baixa mobilidade física da maioria dos participantes. Cada participante fez uma imagem em papel ofício com pincéis e tintas sobre a palavra escolhida e debatida *NÃO*. Após fazer sua imagem, todos formamos um círculo, onde foi mostrada a imagem de cada participante.



Figura 9: A imagem da palavra (Arquivo pessoal).

Observamos que as imagens se relacionavam umas com as outras, porque, mesmo elas tendo sido feitas de forma individual, contam suas histórias com seus vários “NÃOS”. Cada um falou sobre suas imagens para o coletivo, e o que parecia simples transformou-se numa técnica que expressa muita emoção em seu desdobramento. Isto pode ser verificado nas falas da maioria dos participantes.

Participante 1- Gosto do céu pois me lembra quando era moço.

Participante 2- Esta é minha casa simples, que gostaria de ter.

Participante 3- Esta sou eu quando dava aula para crianças.

Participante 4- O Sol, meu sonho é morar na praia.

Participante 5- Amo flores, quando estava em minha casa tinha muitas plantas.

Participante 6- Meu nome para não esquecer.

Fomos tomados de forma coletiva pela criatividade ou como diz Boal (2009), pelo *Pensamento Sensível* e pelo *Pensamento Simbólico*.

Os dois pensamentos, amalgamados, despertam e adormecem redes de neurônios em múltiplas áreas do cérebro, inter-relacionando memórias, ideias, sensações e emoções. Não estão aprisionados em nenhuma área exclusiva do cérebro, como a visão e a audição, mas podem acender quaisquer, a qualquer momento. Podem ativá-las ou ativam-se por si mesmas quando ideias ou sensações acendem a memória, que é brasa, ou a imaginação – fogo que se alastra mesmo contra a vontade consciente do sujeito, na vigília e no sono (Boal, 2009, p. 28).

No reagrupa-se em família de imagens, percebemos que todas se assemelham, expressado através de suas trajetórias de vidas, vidas estas tocadas e perpassadas pela palavra *NÃO*. Segue nossas interpretações desse exercício, enfatizando que são nossas interpretações, deixando livre para outras.

O “não” de não ser mais moço.

O “não” de não ter sua casa dos sonhos.

O “não” de não mais exercer sua profissão.

O “não” de não ter realizado o sonho da casa da praia.

O “não” de não mais cuidar de sua casa e de seu jardim.

O “não” de não querer esquecer seu próprio nome.

São vários “nãos”, mas nosso objetivo era de deixá-los livres para a criação de suas narrativas por meio de suas subjetividades construídas na teia de suas histórias.

O quarto dia de oficinas aconteceu em 26 de janeiro de 2024, neste dia, trabalhamos iniciamos a técnica segundo Boal (2002) A *imagem caleidoscópica* está procura identificar a falta de precisão que se misturam a um ocorrido iniciaremos com “Primeira etapa: a improvisação (A técnica encontra-se detalhada em anexo). Sobre essa técnica Boal explica; “O protagonista "escreve" e "encena" sua história, na qual interpretará seu próprio papel. Escolhe os outros atores, [...] imaginar e experimentar, [...] a combinação do que foi dito ao ator que está improvisando com a experiência vivida pelo protagonista (Boal, 2002, p. 116).

As adaptações desta técnica foram as seguintes; foi feito um semicírculo o protagonista contou sua história interpretando sua própria história, escolher um outro ator e juntos iriam contar a história do protagonista criando um diálogo. Os participantes desse exercício mostraram interesse em ouvir a história do outro, tiveram um pouco de dificuldade em conta a história do outro por um processo natural da fragilidade das memórias, mas o exercício foi emocionante, são histórias de vida de opressões que deixaram marcas difíceis de resolver.



Figura 10: Primeira etapa: a improvisação (Arquivo pessoal).

Deixamos livres para que se sentissem à vontade para contar suas histórias e quase todos participaram apenas dois dos participaram não quiseram, mas percebemos que era por que tinham dificuldade na fala a dicção prejudicada por conta de um AVC. Fizemos um pequeno intervalo e na sequência aplicamos, *A segunda etapa: a formação das imagens*. Que consiste segundo Boal:

Os participantes exibem, através de seus corpos, as imagens das percepções, sentimentos ou emoções provocadas neles pela cena e pelas personagens. Criarão duas categorias de imagens: as relacionadas com o protagonista e as que estiverem ligadas com o (ou os) antagonista(s). De preferência, a cena deve estar centrada no diálogo: um e outro. Essa formação de imagens deve ser realizada por meio da ressonância, e não apenas através da identificação ou do reconhecimento (Boal, 2002, p. 116).



Figura 11- Segunda etapa: a formação das imagens (Arquivo pessoal)

No início das oficinas no dia 8 de dezembro de 2023, os idosos participantes, não queriam contar suas histórias, então traçamos diversas estratégias didático-pedagógicas para conseguir tocá-los emocionalmente, para só assim conquistar a confiança necessária para que se pudesse acessassem suas opressões internas. Iniciávamos as aulas contando nossas histórias, procurando envolvê-los e fazendo perguntas para poder estimular a participação deles nas oficinas. No entanto, nessas penúltimas oficinas pudemos constatar que os idosos passaram a participar de modo mais ativo nas oficinas, contando suas vivências e compartilhando seus pensamentos, além de se envolverem também nas histórias de vida dos colegas de residentes no instituto. Nessa mudança de atitude, podemos identificar o florescer da autonomia e da criatividade.

No quinto dia de oficina, que ocorreu em 2 de fevereiro de 2024, alguns idosos estavam gripados e não puderam participar. De toda forma, aplicamos as técnicas de TO com os presentes. A técnica abordada neste dia foi, Boal (2002), *Imagem e contra- imagem*, que possibilita aos participantes uma preparação para uma exposição mais objetiva dos problemas que eles querem abordar. Esta técnica também tem várias etapas a *Primeira etapa: as histórias* (Este exercício encontra-se na íntegra em anexo).

O diretor explica a técnica e pergunta qual dos participantes gostaria de relatar a história de uma opressão vivida [...] cada protagonista escolhe seu copiloto. Os pares se espalham pela sala. Os pilotos, em voz baixa, narram então suas histórias para seus copilotos. É importante que ambos - protagonista e copiloto - permaneçam de olhos fechados (Boal, 2002, p. 107).

Explicamos a técnica e perguntamos quem gostaria de compartilhar uma história de opressão com o grupo. Como estávamos com um grupo reduzido, dividimos em pares: quem conta a história será o piloto, e aquele que escuta o copiloto. Nesta técnica, a dupla fica de olhos fechados. Fizemos uma pequena adaptação e os colocamos de costas um do outro. O objetivo dos olhos fechado é para que os copilotos prestem atenção somente na história.



Figura 12 – As histórias (Arquivo pessoal).

*Segunda etapa: a formação das duas imagens*, (Este exercício encontra-se na integra em anexo), segundo Boal:

Assim que uma primeira dupla se prontificar, dar-se-á início à segunda etapa. De costas um para o outro, sem poder se olhar, o protagonista e o copiloto constroem cada um uma imagem, com auxílio dos objetos disponíveis (tudo é vocabulário nessa linguagem visual). O protagonista construirá a imagem da história que contou, o copiloto a imagem da história que ouviu. [...]. De costas um para o outro, construirão suas imagens e tomarão lugar nelas, no fim, sendo que o protagonista assumirá sua própria posição, enquanto que o copiloto encarregar-se-á do papel do narrador, do oprimido (Boal, 2002, p. 108).

Depois dos relatos os dois pilotos e copilotos fizeram duas imagens da história contada e da ouvida. A maioria das histórias está relacionada ao passado, falando da família e do trabalho. Muitas vezes, eles repetem as histórias e contam como se fosse a primeira vez.

Quando este fato acontecia, ouvíamos também como se fosse a primeira vez, respeitando o participante e sabendo que aquilo fazia parte do contexto etário do grupo.

Tivemos uma pequena pausa nas oficinas e retornamos no dia 16 de fevereiro de 2024, após o carnaval. Como estávamos próximos do término das oficinas, decidimos fazer uma avaliação, em que cada participante, de maneira livre, responderia algumas perguntas. Assim, como no primeiro dia de oficina, fizemos uma conversa com o objetivo de compreender as necessidades do grupo. Neste dia, fizemos algumas perguntas parecidas com as do primeiro dia para perceber se haveria mudança nas respostas. O objetivo era compreender o desenvolvimento de cada participante, em relação à superação de suas dificuldades. Como também apreciar se houve abertura de um olhar mais sensível em relação aos sentimentos que discutimos, trabalhamos e observamos durante o processo de aplicações das oficinas.

Durante essa atividade avaliativa, observamos que alguns participantes tiveram um desenvolvimento gradativo e bastante positivo. Iniciamos no dia 01 de dezembro nossa pesquisa, sendo que, no dia 08 de dezembro, começamos de fato as oficinas com a aplicação das técnicas do TO. Ao todo foram seis dias de oficina, somando com um primeiro encontro no dia 01 de dezembro, os ensaios do Auto de Natal e a apresentação. Esse total contabilizou 11 encontros didático-pedagógicos.

Consideramos poucos encontros para um aprofundamento nas técnicas do TO, mas ficamos felizes com o desenvolvimento dos participantes, pois percebemos um retorno bastante diverso daqueles que obtivemos no nosso primeiro dia de trabalho. No início, eles não se sentiam criativos, não sabiam o que era criatividade, não tinham contato com teatro, e alguns não sabiam o que era arte. Agora, suas respostas foram bem diferentes:

Participante 4 - A arte me deixa viva, e nunca vou deixar de pintar, essas aulas ensinaram a mostrar meu sentimento com minhas pinturas, fico bem melhor quando pinto, antes das aulas não sabia que pintar era importante para minha saúde.

Participante 6 - Aprendi que devemos conversar, colocar para fora as mágoas e o sofrimento.

Participante 3 - As aulas me deixam mais feliz, e com vontade de conversar, comecei as aulas calado e um pouco triste. Hoje estou feliz.

Participante 2 - Acredito que hoje estou reclamando mais, mas quando fazem algo que fico triste chamo logo e converso não guardo. Aprendi que faz mal para o coração guardar raiva.

Participante 9 - As aulas me fizeram lembrar de sonhos que já tinha esquecido.

Participante 8- Sim aprendi que a criatividade faz bem.

Participante 3- Teatro é contar história.

Finalizamos as oficinas com a citação do próprio Boal acerca da importância da arte para a existência e para as relações sociais: “Da mesma forma que o esporte expande as potencialidades do corpo, a arte expande as da mente” (Boal, 2009, p.168).

Sabemos que, esse estudo, é apenas uma pequena amostragem da utilização das técnicas do TO em um grupo de idosos, portanto, não temos como afirmar que a prática seria semelhante em outros contextos, com outros idosos e em outras situações específicas. Ainda assim, é possível colher indícios de que a utilização de um pensamento não verbal, como o que Boal propõe através da constituição de imagens, é um recurso potente para que discussões venham à tona, e acessem zonas que, via pensamento racional e verbal, seriam difíceis de serem olhadas sem que se incorresse em um processo psíquico complexo. Com as imagens, essas zonas podem ser “olhadas” e percebidas a partir de outras perspectivas e de uma forma lúdica.

Com isso e respondendo a nossa questão de pesquisa, podemos perceber que a estética do oprimido e, dentro dela, a especificidade das técnicas do *Arco-Íris do Desejo* é um caminho possível de trabalho com idosos pois promovem o desenvolvimento da capacidade criativa; o reconhecimento da potência que cada um desses indivíduos carrega de seguir criando; bem como promove momentos de alegria, prazer e jogo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim todo ser humano é capaz de criar, porém vamos crescendo e as várias opressões vividas vão nos afastando desta criatividade, devemos cuidar dessa potência que é a criatividade e não deixar de desenvolver nossa capacidade de criar. A criatividade se encontra em tudo que nos relacionamos, devemos compreender a importância desta criatividade para um bom desenvolvimento mental e social referente as relações humanas.

A sociedade opressora nos ensina que a criatividade e algo pequeno sem valor, prioriza atividade que der lucro imediato sem se preocupar com questões emocionais, crescendo assim os altos índice de doenças psíquicas. As oficinas do TO proporcionaram momentos de

encontros e diálogos sobre histórias de vidas que foram transformadas em arte em imagens, e em várias estéticas possíveis, pois cada indivíduo tem sua forma de ver o mundo e é através de seu olhar que o sujeito se constrói. As atividades pedagógicas com as técnicas do TO, aguçou esse olhar para dentro e trazendo o que está dentro para fora, desenvolvendo a sua autonomia, despertando para o TODO não apenas o EU.

Foram 11 encontros devidamente planejado e buscando se adaptar as realidades encontrada no espaço e nos adaptamos as necessidades específicas de cada participantes, estabelecemos prioridades, o foco era trabalhar a criatividade de forma livre e com muitas rodas de diálogo. Como trabalhamos técnicas do *Arco-íris do Desejo*, que traz opressões que Boal relata que são difíceis de lidar, ele nos traz a técnica do *Tira na Cabeça*, que são opressões como solidão, medo, do vazio, angustia. Durante o desenvolver das oficinas essas opressões vieram à tona, sentimento de desprezo, saudade, angustia, pensamento de medo, solidão, não foi fácil trabalhar com tamanhas opressões, eram dolorosas.

O foco na criatividade e as técnicas abordadas fizeram essas opressões se transformarem em um trabalho estético autêntico e verdadeiro, tornando possível responder a problemática dessa pesquisa, Como a Estética do Oprimido pode Auxiliar Pessoas da Terceira Idade em seus Processos Criativos? Todos os exercícios tinham esse foco, e percebemos que o TO traz segundo Boal aquilo que se esconde em cada ser humano, quem a prática transforma-se e aprende que podemos ser criativo da nossa maneira, da forma que nos pertence posso não ser cantor profissional tão pouco gravar um álbum com uma grande produtora, mas canto com a voz que tenho, posso não ter meus quadros artísticos expostos em uma exposição de uma reconhecida galeria de artes, mas pinto com minhas pinceladas que apenas me pertence, é isso a Estética auxilia nestas percepções de reconhecesse criativo e deixar surgir essa criatividade sem amarras. Sabendo que os dois pensamentos o Pensamento Simbólico e o Pensamento Sensível se misturam se unir de forma homogêneo são inseparáveis, podemos sufoca-los, mas a quaisquer momentos eles irão explodir, basta uma faísca.

Sabemos que o número de oficinas foram poucas para uma problemática tão profunda merecendo assim um período maior de pesquisa, gostaríamos de ter tido a experiência com os idosos e ter trabalhado com eles as técnicas do *Teatro Fórum*, tivemos esse problema relacionados com o tempo, porém as oficinas que foi possível aplicar foram significativas e positivas para os participantes.

A teoria afirma que o sensível e a razão pertencem a todos os seres humanos, percebemos alguns bloqueios desse sensível no início das oficinas que foi se modificando no decorrer do processo, talvez seja um acontecimento normal diante de uma turma iniciante.

Porém a técnica do TO, nos proporcionou uma confiança em nossas práticas pedagógicas que achamos que facilitou no despertar criativo do grupo. Aconteceu uma dilatação um despertar criativo, uma mudança perceptível no grupo participante das oficinas. Formam momentos únicos que provam que a arte transforma quem a pratica e a Estética do Oprimido vêm para mostrar e fazer o ser humano descobrir o que já existe dentro e o que já estava descoberto. “Protágoras escreveu que “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, e das coisas que não são, enquanto não são” (Boal, 2009, p. 126). Para ele o ser humano é tudo que o cerca, e ele pode ser tudo ou pode ser nada, cada um tem suas particularidades e subjetividades.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIA BRASIL-ÁRABE - ANBA. **Boal recebe homenagem da UNESCO.** Disponível em: <https://anba.com.br/boal-recebe-homenagem-da-unesco/>. Acessado em: 25/02/2023.

ANDRADE, Clara de. **O exílio de Augusto Boal:** reflexões sobre um teatro sem fronteiras. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond. 2009.

\_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005a.

\_\_\_\_\_. **O Arco-íris do Desejo:** método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

\_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido** e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005b.

BORN, T. Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? Considerações sobre a família, asilo, (im)previdência social e outras coisas mais. IN: **Revista Kairós – gerontologia**, v. 4, n. 2, p. 135-148, 2001

CAMARANO, A. A.; BARBOSA, P. Instituições de longa permanência para idosos no Brasil: do que se está falando? IN: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Org.). **Política Nacional do Idoso:** velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016, p. 479-514.

CAMARANO A. A.; SCHARFSTEIN, E. A. Instituições de Longa Permanência para Idosos: abrigo ou retiro? IN: CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa:** m novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: Ipea, 2010.

Dinâmica: Papel Amassado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hoPrdK4fmdU>. Acessado em: 26/11/2023.

GOLDSCHMIDT, Irene Leonore. Augusto Boal: teatro para a transformação. IN: **Ouvirouer.** Uberlândia v. 7 n. 1 p. 34-45 jan. |jun. 2011

Joana Cruz, **Árvore do Teatro do Oprimido**, 2019. Disponível em: <https://oprma.wordpress.com/about/>. Acessado em: 14/11/2023.

LAROQUE, Mariana et al. A Criatividade na Terceira Idade. IN: **Revista Contexto & Saúde**, IJUÍ, Editora UNIJUL, v.6, n. 11, JUL/DEZ. 2006 p. 7-1

LEAL, A. G. da C. As Expressões artísticas na terceira idade: da construção de uma visão positiva das suas capacidades, face às suas limitações, ao desafio de si próprio. IN: **Dedica - Revista de educação e humanidades**, N.º 12, setembro, 2017, 33-51.

SANCTUM, Flavio. **Estética do Oprimido de Augusto Boal: Uma Odisseia pelos Sentidos.**

2011.129 folhas. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense, Área de Concentração Teorias da Arte. Rio de Janeiro, 2011.

**SILVA, A. D.F. Envelhecimento e Teatro; Relato Crítico de Experiência Sobre o Ensino de Teatro com Idosos na Unidade de Saúde de Vila União e No SESC Santa Rita.** Trabalho de Conclusão de Curso – UFPE. Recife, 2015.

SVED, Ana Lerner. **A Arte terapia e a Terceira Idade.** Monografia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, R.J. fevereiro de 2002

## **ANEXO**

### **Técnicas pesquisadas no livro Arco-íris do Desejo de Augusto Boal (2002).**

#### **1 AS TÉCNICAS PROSPECTIVAS (Boal, 2002, p.87).**

##### Primeira etapa: as imagens individuais

Os participantes formam grupos de quatro ou cinco pessoas. Cada participante desses grupos deverá, num curto espaço de tempo, imaginar uma opressão atual (que ainda age no presente, ou que poderá voltar a se manifestar). Essa imagem pode ser realista ou surrealista, pode ser simbólica ou metafórica. A única coisa que importa é que ela seja verdadeira, que ela seja sentida como verdadeira pelo protagonista.

O protagonista esculpe a imagem e, depois, ocupa seu lugar na imagem, isto é, assume sua posição de oprimido. É proibido falar durante a construção da imagem. Para fazer com que os outros o compreendam, o protagonista pode utilizar a linguagem de espelho, produzindo ele mesmo o gesto e a expressão do rosto que ele quer ver reproduzidos, ou então a linguagem da modelagem, tocando o ator com suas próprias mãos, do mesmo modo como um escultor faria com uma estátua. A interdição da palavra se faz necessária para permitir que todos os participantes realmente vejam a imagem. A imagem é uma linguagem; se ela for falada, todas suas possíveis interpretações serão reduzidas a uma só e a polissemia da imagem será destruída. Entretanto, é precisamente nessa polissemia que reside a riqueza dessa linguagem.

O protagonista deve necessariamente conservar sua própria posição de oprimido dentro da imagem. Atribuirá aos outros participantes as posições que desejar, seja como opressores, seja como aliados. Durante essa primeira etapa, cada um dos quatro ou cinco participantes do pequeno grupo construirá, um de cada vez, sua imagem individual, sendo que os que estão sendo modelados não deverão procurar influenciar a imagem.

##### Segunda etapa: o desfile das imagens (Boal, 2002, p. 88)

Em uma segunda etapa, todo o grupo maior se reúne e cada grupinho entra em cena, no espaço estético, um de cada vez. Ali volta a realizar, diante de todos, cada uma das imagens.

Para cada imagem, o diretor pede que o grupo que assiste faça comentários objetivos. Comentários subjetivos também podem ser expressados, mas o diretor deve frisar que não se trata senão de percepções individuais que não devem ser interpretações. Se na imagem apresentada uma pessoa estiver sentada ou de pé, isso se constitui num dado objetivo, que poderá ser percebido de diferentes maneiras subjetivas. É por isso que o diretor deve estabelecer a diferença entre observações do tipo "vejo isso ou aquilo" (coisa que todos podem enxergar) e as de tipo "isso me dá a impressão de ...", "isso me parece ...".

Assim, uma a uma, todas as imagens devem desfilar diante de todo o grupo. A essa altura, o diretor enfatizará os pontos comuns às diferentes imagens. Se o grupo for mais ou menos homogêneo, é bem provável que muitos gestos, posturas e relações físicas sejam semelhantes.

A imagem da palavra (Boal, 2002, p. 97).

Esta é uma das primeiras técnicas que utilizei no teatro-imagem. Consiste em pedir aos participantes que formem com seus corpos a imagem de uma palavra que tiver sido escolhida: um país, uma região, um partido político, uma profissão, um estado de espírito, uma personagem histórica ou um acontecimento recente. Deve ser uma palavra que represente algo ou alguém que interessa ao grupo.

O grupo forma um círculo e todos os seus membros mostram suas imagens simultaneamente; depois reagrupam-se em famílias de imagens que se assemelham. Uma de cada vez, cada família dirá em voz alta palavras inspiradas pela Imagem.

Esta técnica foi descrita minuciosamente em meu livro 200 exercícios e jogos para o Ator e Não-Ator.

As imagens podem ser construídas com seu próprio corpo, com seu corpo e mais o de outra pessoa, ou com todos os corpos e todos os objetos possíveis.

Primeira etapa: a improvisação (Boal, 2002, p. 116).

O protagonista "escreve" e "encena" sua história, na qual interpretará seu próprio papel. Escolhe os outros atores, que seguirão fielmente suas indicações e que também irão criar, imaginar e experimentar, dentro dos limites que lhes tiverem sido impostos: uma

improvisação é sempre a combinação do que foi dito ao ator que está improvisando com a experiência vivida pelo protagonista.

Segunda etapa: a formação das imagens (Boal, 2002, p. 116)

Os participantes exibem, através de seus corpos, as imagens das percepções, sentimentos ou emoções provocadas neles pela cena e pelas personagens. Criarão duas categorias de imagens: as relacionadas com o protagonista e as que estiverem ligadas com o (ou os) antagonista(s). De preferência, a cena deve estar centrada no diálogo: um e outro. Essa formação de imagens deve ser realizada por meio da ressonância, e não apenas através da identificação ou do reconhecimento.

Torno a lembrar que há identificação quando o participante pensa, sente e diz: "Ele é como eu, eu sou assim." Existe reconhecimento quando ele pensa, sente e diz: "Este aqui não sou eu, mas eu sei quem é, conheço pessoas como ele." No primeiro caso, conforme acontece também com o protagonista, ele irá representar-se a si mesmo em cena, reviverá suas próprias emoções. No segundo caso, "interpretará", isto é, viverá a parte dele mesmo que foi posta em jogo. Já na ressonância, a imprecisão é muito maior. Aqui, o participante afirmaria: "Isto me faz lembrar tal pessoa, tal acontecimento, tal situação, tal sentimento; isto me parece ser assim." Ou então: "Isto poderia ser diferente, ele deveria ter agido desta forma; se ele tivesse feito outra coisa, tudo teria sido de outro modo." A ressonância pode, evidentemente, incluir também a identificação e o reconhecimento. As imagens criadas a partir da improvisação inicial são estátuas imóveis.

Primeira etapa: as histórias (Boal, 2002, p. 107- 108).

O diretor explica a técnica e pergunta qual dos participantes gostaria de relatar a história de uma opressão vivida e que ele desejaria ver trabalhada pelo grupo. O ideal, nessa primeira etapa, é que a metade dos participantes se proponha a contar. Assim, o grupo se divide naqueles que contam as histórias (serão os protagonistas ou pilotos) e aqueles que escutam (serão os copilotos). Cada protagonista escolhe seu copiloto. Os pares se espalham pela sala. Os pilotos, em voz baixa, narram então suas histórias para seus copilotos. É importante que ambos - protagonista e copiloto - permaneçam de olhos fechados. Se o protagonista mantiver os olhos abertos, verá as reações fisionômicas do copiloto e isso poderá influenciar seu relato. Sua concentração passará a centrar-se mais no copiloto do que na história que está contando, e

isso o impedirá de revivê-la a fundo. É igualmente importante que o copiloto esteja de olhos fechados para que se concentre não sobre o protagonista, mas sobre sua história, que poderá, assim, sentir melhor.

Se o copiloto não se sentir suficientemente sensibilizado, se sua imaginação não estiver sendo estimulada o suficiente, poderá - e deverá - fazer perguntas: "Quando? Como? Onde? De que cor? Era violento? Fazia calor? Que casa era aquela? Havia pessoas em volta? Aonde você ia? Por que você parou? Por que você não fez isso ou aquilo? Que idéia foi essa? Por onde é que ele veio? Era alto, era baixo?" etc. Deve formular todas as perguntas que desejar, procurando, contudo, fazer com que o piloto não se desvie de seu caminho principal: o que realmente quer se lembrar para expô-lo e revivê-lo.

O diretor dará um tempo razoável aos pilotos, em geral quinze minutos, que é suficiente na maioria dos casos. Na medida em que nem todos os pares gastarão o mesmo tempo, quando o diretor observar qual a maior parte já terminou, deverá anunciar esse fato aos demais, deixando-lhes alguns minutos para não interromper seus relatos de modo demasiadamente brusco. É preciso estar atento para não magoar a sensibilidade do narrador e de seu ouvinte

Segunda etapa: a formação das duas imagens (Boal, 2002, p. 108).

Os relatos tendo sido concluídos, o diretor reúne os participantes e lhes pergunta quais foram os grupos nos quais o protagonista-piloto e o copiloto conseguiram formar imagens claras e fortes acerca do episódio narrado. É por isso que é muito importante, durante a primeira etapa, que o copiloto tenha sido um verdadeiro copiloto, que tenha realizado a mesma viagem junto ao piloto, que não tenha se limitado ao papel de observador, de voyeur. É por esse motivo que ele deve poder formular perguntas, já que, ele também, deve viver a cena.

Assim que uma primeira dupla se prontificar, dar-se-á início à segunda etapa.

De costas um para o outro, sem poder se olhar, o protagonista e o copiloto constroem cada um uma imagem, com auxílio dos objetos disponíveis (tudo é vocabulário nessa linguagem visual). O protagonista construirá a imagem da história que contou, o copiloto a imagem da história que ouviu. Para nenhum dos dois trata-se de construir imagens realistas, verídicas, mas de criar imagens reais, vivas e subjetivas daquilo que foi sentido. Não se trata de uma fotografia de reportagem de um acidente, mas de sua elaboração poética, verdadeira e não superficial.

De costas um para o outro, construirão suas imagens e tomarão lugar nelas, no fim, sendo que o protagonista assumirá sua própria posição, enquanto que o copiloto encarregar-se-á do papel do narrador, do oprimido.